ANAIS

III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS

III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS

III CEPIAL
CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA
Semeando Novos Rumos

Eixo 2

"EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES"

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

EIXO 2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES

MR2.1. Economia Solidária, Universidade e Comunidade

EMENTA

Contribuir para as discussões do Eixo: Políticas Públicas e Desenvolvimento Social. A Economia Solidária mais do que nunca se apresenta como uma alternativa de transformação social e de desenvolvimento econômico, local, regional e territorial. Visa a organização de pessoas para a geração de trabalho, renda e bem viver. Seu avanço depende, entre outros fatores, da construção e efetivação de políticas públicas e da participação crescente das universidades e comunidades. O debate e a troca de experiências propostas por esta mesa visa a integração latino-americana em torno destes objetivos comuns.

Coordenador: Alnary Nunes Rocha Filho – Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade de Ponta Grossa - (IESOL/UEPG - BRASIL)

Luiz Alexandre Cunha Gonçalves: Incubadora de Empreendimentos Sociais da Universidade de Ponta Grossa - (IESOL/UEPG - BRASIL)
Luiz Inácio Gaiger: Universidade do Vale dos Jesuítas do Rio Grande do Sul – (UNISINOS – BRASIL)
Daniel Maidana: Centro de Servicios a La Comunidad - Universidad Nacional de General Sarmiento – (UNGS - ARGENTINA)
Magdalena León T.: Fundación de Estudios, Acción y Participación Social – (FEDAEPS – ECUADOR)

RESUMOS APROVADOS
LIMITES E POSSIBILIDADES DAS INCUBADORAS POPULARES: o caso da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol-UEPG. **(autor(es/as): ALNARY NUNES ROCHA FILHO)**
O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA): Sua possível interface com a Economia Solidária e como uma Ferramenta para o Desenvolvimento Local no Pré Assentamento Emiliano Zapata, Ponta Grossa-PR **(autore(es/as): Carla Caroline Correia)**
Da Critica para às Ideias e das ideias à pratica: a experiência formativa do programa de honra em economia solidaria, meio ambiente e desenvolvimento de base local da UFPR**. (autor(es/as): Christian Henríquez Zuñiga)**
Projeto Bem da Terra: Limites e Possibilidades **(autor(es/as): Cristine Krüger Garcias)**
A PARTICIPAÇÃO DA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA EXTENSÃO EM PROJETOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: ESTUDO DE CASO DA UNICENTRO – IRATI – PARANÁ **(autor(es/as): Elmarilene Walk)**
O PROTAGONISMO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO VALE DO ITAJAÍ – RESVI **(autor(es/as): Fabricio Gustavo Gesser Cardoso)**
Incubadora Tecnológica de Cooperativa Popular como estratégia para emancipação humana e geração de trabalho e renda **(autor(es/as): Francisco Antonio Maciel Novaes)**
ASPECTOS DA SEGURANÇA NO TRABALHO E OS CUIDADOS PREVENTIVOS COM A SAÚDE NA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS "PIRAÍ LIMPO" (ASCAMP) **(autor(es/as: Jaqueline Sartori)**
A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO FORTALECEDORA DO ENFRENTAMENTO AS CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL **(autor(es/as): Lorena Dantas Abrami)**
INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS NA RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM A SOCIEDADE **(autor(es/as): Nara Grivot Cabral)**
UMA INTEGRAÇÃO COMUNIDADE-UNIVERSIDADE NA PERSPECTIVA PARA A CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA **(autor(es/as): Renata Cristina Geromel Meneghetti)**
O NOVO NASCE DO VELHO: CULTURA E ECONOMIA SOLIDÁRIA **(autor(es/a):Sabrina Gabrielle Sawczyn)**

MR2.2.Educação Superior e Inclusão Social: experiências e percepções

EMENTA

Considerando o importante papel da educação na promoção e consolidação da cidadania, diversos setores sociais tem se dedicado à luta pela ampliação e democratização do acesso ao ensino superior. Ao mesmo tempo, no interior da Universidade intensificou-se o debate sobre alternativas para superar a alta seletividade social que o modelo de ensino superior adotado pelo estado pode produzir, bem como sobre mecanismos que possam ampliar o acesso e a permanência de estudantes oriundos de classes sociais de maior vulnerabilidade social. Por outro lado, alguns governos nacionais, frente à necessidade de dar respostas a estes movimentos, tem formulado e implantado políticas públicas com vistas a ampliar a oferta de vagas no ensino superior; a democratização do acesso, com adoção de mecanismos como cotas sociais e étnicas; e a permanência, com a criação de bolsas de estudo para estudantes com vulnerabilidade social. Desse modo, a mesa pretende ser um espaço para a comunidade discutir o tema da inclusão social no ensino superior, no âmbito da América Latina, com vistas a contribuir para o aperfeiçoamento de mecanismos que levem à superação e reversão do atual quadro de desigualdade, fragmentação e exclusão social.

Coordenador: João Alfredo Braida – Universidade Federal da Fronteira Sul - (UFFS - BRASIL)
Jaime Giolo: Reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul – (UFFS - BRASIL)
Aloizio Mercadante Oliva: Ministro da Educação do Brasil – (MEC – BRASIL)
Ingrid Severdlick: Universidade Pedagógica - (ARGENTINA)
Armando Alcântara Santuário: Universidad Nacional Autônoma de México – (UNAM - MÉXICO)

RESUMOS APROVADOS
Educação e mundo do trabalho em sociedades em transição (autor(es/as): fernando Pedrão)
Educação escolar para o desenvolvimento dos povos indígenas do Brasil: múltiplas faces (autor(es/as): Francine Rocha)
DOCÊNCIA INDÍGENA NO EXTREMO OESTE BRASILEIRO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM ANDAMENTO (autor(es/as): José Alessandro Cândido da Silva)
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: LIMITES E POSSIBILIDADES (autor(es/as): Maria José da Silva
ACESSO E PERMANÊNCIA INDÍGENA NO ENSINO SUPERIOR, DO QUE ESTAMOS FALANDO? RELATOS DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE ACADÊMICOS INDÍGENAS (autor(es/as): MARIANE DEL CARMEN DA COSTA DIAZ)
NÚCLEO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS DA UFPEL - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INCLUSÃO SOCIAL NA FRONTEIRA - BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): MAURÍCIO PINTO DA SILVA)

A Inclusão Laboral: Programa Promentor (autor(es/as): PRISCILA GADEA LORENZ)
Expansão do ensino superior no Brasil – democratização do acesso e redução da iniquidade – Abordagem empírica utilizando dados do Censo da Educação superior e PNAD 2009 (autor(es/as): Rogerio Allon Duenhas)
O PROGRAMA DE EXTENSÀO UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UNATI NA UNIOESTE: INTEGRANDO SABERES E PROMOVENDO A CIDADANIA DO IDOSO (autor(es/as): ROSELI ODORIZZI).

2.4.Educação na América Latina

Considerando as mudanças ocorridas no campo político e econômico, no que se refere ao papel do Estado e sua função no campo das políticas sociais, a mesa propõe ser um espaço para difusão e discussão de política educacionais implementadas em diferentes países da América Latina. Os objetivos são facilitar a troca de experiências entre pesquisadores e instituições, refletir sobre os rumos da educação nos países da região, além de promover um processo de integração regional

RESUMOS APROVADOS:

LUDOSOFIA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR **(autor(es/as): Alegria Baía Evelin Soria)**
CONVERGÊNCIAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO LATINO-AMERICANO QUE APONTAM PARA A EDUCAÇÃO DA MULHER NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO **(autor(es/as): Allene Carvalho Lage)**
O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) E O NÚCLEO DE ATIVIDADES PARA PROMOÇÃO DA CIDADANIA (NAP) CONTRIBUINDO PARA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES): UMA NOVA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR **(autor(es/as): Carlos Alberto Malveira Diniz)**
CURSOS TÉCNICOS PROFISSIONALIZANTES DO COLÉGIO ESTADUAL SÃO MATEUS: CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS DO SUL-PR, NO PERÍODO 2004-2009 **(autor(es/as): Cláudia Regina Pacheco Portes)**
EDUCAÇÃO SUPERIOR NA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS: ANÁLISE COMPARADA DA ESTRUTURA DOS CURSOS E EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DA UFPR E DA UDELAR. **(autor(es/as): Ellen da Silva)**
A NECESSIDADE DA ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL **(autor(es/as): FABRÍCIO CORDOVIL TEIXEIRA DE OLIVEIRA)**
CURRÍCULO POR COMPETÊNCIA E DISCURSOS HEGEMÔNICOS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR **(autor(es/as): Felipe da Silva Machado)**
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL FORMAL COMO ELEMENTO RECONHECEDOR DO PATRIMÔNIO CULTURAL **(autor(es/as): FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR)**
O DISCURSO FREIREANO E A POLÍTICA SOCIAL **(autor(es/as): GLEYDS SILVA DOMINGUES)**
A educação escolar indígena e a educação intercultural **(autor(es/as):Jasom de Oliveira)**
VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM DO PARÁ **(autor(es/as): Juliana Cordeiro Modesto)**
Formando uma consciência integracionista **(autor(es/as): Karina Fernandes de Oliveira)**
SOMOS TIERRA: FORMACIÓN Y EXPERIENCIAS EN EL MOVIMIENTO CAMPESINO DE CÓRDOBA – ARGENTINA **(autor(es/as): Karina Scaramboni)**
A gestão escolar participativa e seus desafios **(autor(es/as): Maria Inês Vidal)**
A política da Educação do Campo e a Emancipação Humana **(autor(es/as): Maria Inês Vidal, Luis Alexandre Gonçalves Cunha)**
A FORMAÇÃO DOCENTE EM JOGO: O OLHAR SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAC (autor(es/as): Pierre André Garcia Pires)
Percepção e apreciação de leituras em contextos escolares e culturais: formação em leitura em uma escola municipal de Foz do Iguaçu (autor(es/as): Regina Coeli Machado e Silva)
INVESTIGAÇÃO COMPARADA ACERCA DE REPRESENTAÇÕES DE AUTORIDADE POR JOVENS ARGENTINOS E BRASILEIROS (autor(es/as: Rosane Castilho)
CONVERGÊNCIAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINOAMERICANO EM UM MUNDO GLOBALIZADO: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUAS MÚLTIPLAS FACES (autor(es/as): Silvio Carlos dos Santos).
ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS: CONTRIBUIÇÕES A SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL (autor(es/as): Sorinéia Goede).
EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS NO BRASIL: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES (autor(es/as): Tarcio Leal Pereira).
ELEMENTOS DE VIDEOGAMES COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZADO (autor(es/as): Thais Weiller).
EDUCAÇÃO TRADICIONAL GUARANI & EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: APROXIMAÇÕES ENTRE VIVÊNCIAS CULTURAIS E CONCEITOS TEÓRICOS (autor(es/as): Wanirley Pedroso Guelfi).
O LUGAR DO CONHECIMENTO NAS DIRETRIZES CURRICULARES BRASILEIRAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO COM A PRÁXIS (autor(es/as): Camila Itikawa Gimenes).
A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03 NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO (autor(es/as): Adriana Márcia Prado de Araújo et alii).
PIBID: UM PROGRAMA QUE FORTALECE O EIXO EDUCACIONAL PARA A RETOMADA DA LICENCIATURA NO ÂMBITO TERRITORIAL BRASILEIRO (autor(es/as): Patrícia Santos Fonseca et alii).
AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA: uma iniciativa da política educacional centralizadora (autor(es/as): Rivanda dos Santos Nogueira et alii).
NÃO ALFABETIZADOS LENDO: AS PARTES DO LIVRO NA EDUCAÇÃO QUE FOMENTA A LEITURA E GARIMPAM LEITORES. (autor(es/as): Cláudio Renato Moraes da Silva).
BULLYING: PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA (autor(es/as): Domiciane Araújo Azevedo).

2.5. Trabalhadores(as) da Educação no Mercosul: impasses e desafios

RESUMOS APROVADOS

EMENTA

A APP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná visa promover um diálogo entre dirigentes sindicais do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, sobre a Educação Pública no Mercosul, ressaltando os desafios para os/as Trabalhadores/as em Educação. A APP-Sindicato entende que esta é uma integração necessária e urgente, que vem unificar a discussão sobre as condições de trabalho e valorização dos/as trabalhadores/as em Educação e dar maior organicidade à luta dos movimentos sociais latino americanos, em prol de uma Educação pública de qualidade, laica e gratuita, para todos e todas.

Coordenadora: Fabiana Tomé e Walkiria Mazeto - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP - BRASIL)
Fátima Aparecida da Silva: Secretária Internacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – (CNTE - BRASIL)
Arturo Musial: Secretario General de Union de Docentes de la Província de Missiones –(UDPM - ARGENTINA)
Gustavo Macedo: Federación Democrática de Maestros y Funcionarios de Educación Primaria - (URUGUAY)
Luis Alberto Riart Montaner: Ex Ministro da Educação do Paraguay e professor da Universidad Nacional de San Martín e Universidad Pedagógica de Buenos Aires – (UNSAM/UPBA - PARAGUAY)

O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E PROFISSIONAL DOS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO NO NRE DE APUCARANA **(autor(es/as): Afife Maria dos Santos Mendes Fontanini)**
REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, FLEXIBILIZAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ESTADO DO PARANÁ **(autor(es/as): Mariana Bettega Braunert e Everson Araujo Nauroski)**
Mestres em greve? Gênero, representações e memórias das mobilizações de professoras/es de 1968 no Paraná. **(autor(es/as): Melissa Colbert Bello)**

2.6. Teorias Críticas na América Latina

A presente mesa redonda é resultado das pesquisas do Núcleo de Estudos Filosóficos - NEFIL, do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná - PPGD/UFPR, voltado para os estudos latino-americanos dedicados à filosofia da América Latina e suas grandes tendências atuais no âmbito da crítica epistemológica, destacando-se alguns dos principais autores do debate contemporâneo no continente, notadamente Enrique Dussel, Anibal Quijano, Walter Mignolo, Atilio Borón e Franz Hinkelammert, até chegar a uma aproximação às propostas interculturais assentes no novo constitucionalismo latino-americano.
Ludwig apresentará a relação entre teorias críticas do direito e a filosofia da libertação de Enrique Dussel; Pazello discorrerá sobre a relação entre as teorias críticas da colonialidade do poder e as teorias da dependência na América Latina, em especial a partir de Anibal Quijano; Bley abordará a relação entre colonialidade do saber e educação para os direitos humanos, conforme a crítica gnosiológica de Walter Mignolo; Franzoni estabelecerá os pressupostos epistemológicos da crítica à razão utópica de Franz Hinkelammert; Pereira analisará as teorias críticas latino-americanas sob o foco do marxismo de Atilo Borón.

RESUMOS APROVADOS

INDÚSTRIA CULTURA, TRABALHO DOCENTE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE (autor(es/as): Everson Araujo Nauroski).

EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO EM SOCIEDADES EM TRANSIÇÃO (autor(es/as): Fernando Pedrão)

INDÚSTRIA CULTURAL, TRABALHO DOCENTE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE.

Everson Araujo Nauroski*

RESUMO

O presente artigo assume a forma de ensaio por estar orientado a partir de observações empíricas e algumas entrevistas realizadas com professores das áreas de história e geografia ao longo do ano de 2010. O nosso campo de pesquisa se constitui em três (03) escolas da rede pública estadual de ensino, de nível fundamental. Uma escola da região sul de Curitiba e duas (02) escolas da região metropolitana onde atuei como professor de história e filosofia.

A observação esteve orientada focando o cotidiano das aulas, a troca de experiências entre os professores, os comentários em relação à preparação das aulas e desenvolvimento dos conteúdos. As entrevistas foram dirigidas buscando compreender como os conteúdos das revistas eram incorporados nos planos de aula.

O problema que se levanta é tentar entender como alguns professores fazem uso em sala de aula de conteúdos veiculados por revistas direcionadas ao publico docente. Tentando compreender melhor esse fenômeno buscou-se como referencia o conceito de indústria cultural de T. Adorno e M. Horkheimer. Estes autores, assim como outros que foram utilizados, apresentam importantes contribuições para pensar os impactos da indústria cultural na sociedade e também se tais impactos afetam a formação e o trabalho docente.

Ao final da observação as constatações foram alarmantes. O que predominou de modo geral foi uma postura mecânica por parte dos professores observados. Dos cinco (05) professores pesquisados quatro (04) deles se mantiveram numa condição de menoridade intelectual em relação ao uso conteúdos das revistas em suas aulas. Vários outros aspectos preocupantes também foram indicados no presente estudo.

Palavras chave: indústria cultural, trabalho docente e subjetividade.

1 – Introdução

A influência das novas tecnologias de mídia se expandem continuamente alcançando os mais diversos setores da sociedade. Algo preocupante se tivermos presente que as grandes corporações de mídia são controladas por um número restrito de empresas e famílias e seu objetivo principal tem sido promover a cosmo visão capitalista. A influência crescente das novas tecnologias de mídia se propaga por meio de suas

* Professor titular das Faculdades Santa Cruz – FARESC - Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR., nas áreas de Sociologia e Filosofia. Pesquisador do Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade da UFPR.

produções e programações promovendo déias, valores e comportamentos consoantes com a ordem estabelecida.

Nesse contexto, uma realidade que nos interessa analisar é a educação e os contornos dessa influência na produção de uma subjetividade docente, isto é, num jeito de ser de ser professor e suas implicações no trabalho pedagógico.

Tradicionalmente a docência deveria manter independência e autonomia em relação à sociedade. No entanto, ao longo da nossa pesquisa foi possível perceber que existem professores que se deixam seduzir pelo atrativo de toda uma produção midiática direcionada a subsidiar o seu trabalho. Aqui nos referimos há algumas revistas como a Nova Escola, ou Nova educação e ainda diversas revistas da editora Escala que possui um editorial completo para todas as disciplinas, recheados de dicas, textos e roteiros, produzidos com a "única finalidade" de contribuir com as escolas e "facilitar" o trabalho dos professores.

Nosso estudo objetiva compreender como os professores fazem uso em sala de aula de conteúdos veiculados por essas revistas. Tentando compreender melhor esse fenômeno buscou-se como referência o conceito de indústria cultural de T. Adorno e M. Horkheimer, bem como a teoria da semicultura de Adorno para nos ajudar a pensar criticamente os efeitos da indústria cultural na subjetividade e no trabalho docente. Diante dos apontamentos que serão apresentados surgem algumas indagações: a indústria cultural segmentada e dirigida aos professores, estaria influenciando na produção de uma subjetividade docente? Se isso assim se verifica, que implicações essa influência teria no trabalho docente? Ao longo do texto, tentaremos responder a estas e outras questões importantes.

2 - A indústria cultural e sua gênese

A sociedade contemporânea se caracteriza como uma sociedade industrializada tendo na tecnologia a expressão máxima de sua racionalidade (MARCUSE, 1982). Buscando compreender a origem e as conseqüências dessa racionalidade, ADORNO e HORKHEIMER no seu livro a *Dialética do Esclarecimento* (1985) analisam a gênese do processo de esclarecimento que caracterizou a cultura ocidental. Observam que a evolução do esclarecimento no seu viés abstrato, esclarecimento radical convertido em mito, torna a vida racionalizada uma ideologia. A crítica empreendida por ADORNO no texto *O conceito de Esclarecimento* assume na cultura industrial do capitalismo tardio, sua forma mais acabada.

Como conseqüência da industrialização e dos inúmeros avanços tecnológicos, a razão instrumental fruto de uma razão alienada de si mesma, assume mil formas com diferentes facetas. Adorno constata que apesar de os homens terem dominado a aparelhagem técnica que criaram, a humanidade mergulha numa forma de barbárie. Ao longo da história, o curso da razão instrumental culminou no século XX com diversas formas de totalitarismos.

Com o advento da cultura de massas, o esclarecimento se transforma em mistificação, falsificando a realidade com sua duplicidade, por meio de um sistema signos, contendo símbolos textos e imagens. Articulando através de diferentes meios uma semiótica própria, fatalmente conduz a significações e equivocidades distorcidas, apresentando e representando uma realidade, agora transformadas em produto.

A lógica da produção capitalista invade todas as esferas da vida, torna o próprio lazer uma atividade diretiva e previamente elaborada, "*a função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria."* (ADORNO, 1985 p. 117)

Se outrora a arte presente em obras de autores como Baudelaire e Kafka, ou ainda na pintura impressionista do século XX, representavam alguma forma a resistência na era da indústria cultural, tal arte capitulou frente ao poderio técnico da lógica do capital que transforma tudo em mercadoria. Nem os bens artísticos como expressão do espírito conseguiram escapar pois a *" indústria cultural desenvolveu-se como predomínio que o efeito, a performace tangível e o detalhe técnico alcançaram sobre a obra, que era outrora o veículo da Idéia e com essa foi aniquilada".* (Idem, p. 119)

Mesmo a cultura popular dos diferentes povos tida como expressão lúdica e catártica, seja por meio do folclore ou de seus rituais de religiosidade popular, foram subsumidas e recriadas dentro da estética dominante da sociedade tecnológica. Tanto a grande arte como a arte popular que possuíam um potencial conciliatório frente ao mundo e a natureza, potencial este capaz de aproximar os homens uns dos outros, reforçando laços e tradições, ou ainda, pela elaboração de símbolos próprios, construção de significados sociais, tornam-se esferas absorvidas, solapadas, meras mercadorias, destituídas de um significado histórico.

O que importa nesse sistema é o cuidado técnico, a beleza ausente é substituída pelo efeito, pelo show, pelo espetáculo. Nada escapa dos clichês e formas de expressão estereotipadas. A indústria cultural, vende um conforto diante do mundo, agora reduzido a uma tela e desta forma acabou por promover a " *a fusão atual da cultura e do*

entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão." (Idem, p. 135).

As novas tecnologias de entretenimento exigem nada mais que a passividade do expectador. Reduzido a mero consumidor de imagens, não consegue pensar historicamente o que vê. Seu único esforço é se identificar com a técnica usada como se ao assistir – consumir - o filme aos novos/velhos produtos participa mesmo que virtualmente do grande poder da maquinaria industrial. Ao assistir um filme com produção de milhões de dólares sente-se participante dessa grandiosidade que é a sociedade do espetáculo.

> "O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha percepção do espectador de cinema, que percebe a rua como prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção cotidiana, tornou-se a norma da produção". (ADORNO, 1985 p. 119)

Se pensarmos sobre isso, o que se evidencia é que quanto menos esforço de análise e interpretação por parte dos expectores, maior a garantia de que a versão da realidade proposta pela indústria cultural não seja de fato questionada. A realidade duplicada torna-se ideologia objetivada na arte como produto, reificando a percepção que o sujeito tem do mundo. Consolida-se no plano subjetivo o que objetivamente está posto nas relações de domínio e exploração. Além desses aspectos a indústria cultural como forma de criar uma representação da totalidade da vida em sociedade, tende a estimular traços de narcisismo coletivo. Essa realidade passa ser vista como esclarece Baudrillard (1991), uma hiper-realidade, cheia de efeitos, cores e movimento, transcendem a realidade cotidiana e comum e por isso mesmo tem o poder prender o expectador, absorto pelo show e pelo espetáculo veiculado pelos diferentes mecanismos da indústria cultural como radio, tv, cinema, jornais e revistas e recentemente pela internet. Os traços de narcisismo são ainda visíveis na medida em que as pessoas são direcionadas a participar da vida social sob a forma predominante do consumo. Uma espécie de afirmação de si pelo ato de comprar se institui como referencia do ser social, agora isolado numa atitude solipicista.

Se pensarmos que outrora a cultura tinha o potencial crítico e formador, na medida em possibilitava às pessoas uma experiência pessoal com a realidade, contemporaneamente a cultura reduzida ao seu valor de troca, como bem de consumo, mera mercadoria, favorece que a subjetividade das pessoas fique a mercê da " *barbárie estética que consuma hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito*

desde que foram reunidas e neutralizadas a titulo de cultura. Falar em cultura foi sempre contrário a cultura" (ADORNO, 1985, p. 122)

Frente ao apelo consumista e individualista compulsivamente dirigido pela propaganda ao expectador, desaparece o indivíduo[1] que deixa de ser um ser um sujeito histórico, consciente de suas escolhas. É com base na noção de indivíduo indicada na nota que podemos afirmar que nesse contexto surge uma subjetividade ilusória diluída em que esse indivíduo é por assim dizer, fabricado, modelado. Estimulado a se diferenciar, o faz, afirmando a total igualdade de pertencer à massa.

> A semelhança perfeita é a diferença absoluta. A identidade do gênero proíbe a dos casos. A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo que mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto individuo, é o absolutamente substituível o pura nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança." (ADORNO, 1985, p. 137)

A todo instante se exibem produtos culturalmente carregados de apelo de novidade, mas, tal como no mito, o que se evita ainda é o substancialmente novo: " *a máquina gira sem sair do lugar"* (Idem p. 126.).

O que fica evidenciado é que a indústria cultural opera uma verdadeira modelização de comportamentos, construindo uma subjetividade do eu, calcada em princípios abstratos que tendem a reforçar e reproduzir valores, conciliar de modo artificial o individual e o coletivo, o singular e o geral, a universalidade da realidade social e a particularidade de cada indivíduo.

> "Na indústria cultural, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que tem de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudo-individualidade." (Idem, p. 145).

No reino da falsa individualidade instala-se o desespero por se agarrar a tudo aquilo que se apresenta de novo. Usam-se jargões e expressões da moda, adotam-se comportamentos, consome-se mercadorias, tudo que possa fornecer uma aparência de diferenciação. No entanto o que se pode constatar é que tudo já está padronizado.

Mesmo o mundo visivelmente lançado em um mar de caos, guerras e convulsões sociais com toda demanda de sofrimento – marca fundamental da experiência subjetiva humana - a indústria cultural por meio de seus e mecanismos e processos, insiste sistematicamente em negar ou falsear essa experiência com a dor, por meio de imagens e produtos de felicidade, filmes novelas etc... E mesmo diante de situações de dor e

sofrimento a fenomenologia do “jornalismo de informação” evita com todo cuidado, a reflexão mais profunda. Informa-se, desinformando. A ausência de reflexão e contextualização dos acontecimentos sociais dificulta a síntese pessoal e um posicionamento mais consciente e elaborado diante do mundo.

A naturalização das contradições, a redução do indivíduo a uma consciência de rebanho[2], a conformação com a realidade fabricada, impede que as pessoas possam fazer uma experiência individual com o mundo, elaborando uma cultura como fruto dessa experiência subjetiva própria, condição *sina qua non* para uma vida social mais autônoma.

Toda a contradição presente na própria estrutura da realidade, com seus conflitos, contrastes, movimentações, qualquer coisa que possa de alguma forma ameaçar ou por em questão a ordem estabelecida é rapidamente absorvida pelo sistema e sua funcionalidade.

A indústria cultural representa a construção de uma totalidade da vida social, absorvida pelo sistema em seu infindável catálogo para tudo que existe, absorve os conflitos e as divergências de interesses são assimilados pela funcionalidade do sistema. O resultado desse processo é o que ADORNO chama em sua obra Mínima Moralia (1992) de uma vida danificada ou ainda de uma sociedade administrada

De modo geral, toda sociedade participa da indústria cultural, pois os indivíduos vêem na técnica, entendida como o conjunto das novas tecnologias de mídia e conhecimento, o processo de reprodução que garante que as necessidades criadas pelos mesmos agentes das novas tecnologias, sejam satisfeitas em diferentes lugares e em distintas condições através de bens e mercadorias estandardizadas que são oferecidos indistintamente a diferentes segmentos da sociedade. Todos precisam estar “satisfeitos”!

Para MARCUSE, a sociedade industrial converte a tecnologia em dominação uma vez que a mesma não é usada somente para dominar a natureza mas sobre tudo para subjugar os homens, pois “ *a livre escolha entre a larga quantidade de bens e serviços não significa liberdade quando estes bens e serviços mantêm o controle social sobre uma vida de esforços e medo, ou seja de alienação”.* (MARCUSE, 1982, p. 12)

A sociedade tecnológica tornou-se totalitária na medida em que a própria racionalidade tecnológica tornou-se uma racionalidade política. Uma tal sociedade sem oposição de nivelamento que usa o consumo como estratégia de domesticação das massas é denominada por ele de sociedade unidimensional.

Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, a casa, alimento, roupa, a produção irresistível da indústria de diversão e informação, trazem consigo atitudes e

> hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais, que prendem os consumidores aos produtos. Os produtos doutrinam, manipulam, promovem uma falsa consciência. Estando tais produtos à disposição de maior número de indivíduos e classes sociais, a doutrinação deixa de ser publicidade para tornar-se um estilo de vida (MARCUSE, 1982, p. 31-32).

Em resumo, para Marcuse a sociedade industrial articula cultura e tecnologia de modo a promover a subjetivação do sujeito, fazendo surgir uma personalidade objetiva subsumida pelo controle do capital, produzindo uma existência mimética.

Tal realidade se configura numa estratégia de manipulação e criação de necessidades que são retroalimentadas e que acabam reforçando os padrões de comportamento, dando ainda maior coesão ao sistema e a ordem vigente pois *"o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade".*(ADORNO, 1985, p. 114)

3 - Indústria cultural e ideologia

As produções culturais, como filmes, programas radiofônicos e as revistas ilustram a mesma racionalidade técnica, a mesma lógica organizacional de planejamento e gestão que perpassa tanto as manifestações da indústria cultural como a produção dos automóveis em série, quanto ao urbanismo das cidades e bairros. Para cada grupo ou indivíduo foi previsto algo, de forma que ninguém consiga escapar da lógica do *menu* já pronto e estruturado. Você pode escolher o que quiser, dentro daquilo que é proposto.

Os diversos segmentos da produção são uniformizados, tendo seus processos padronizados uns com os outros. Nesta lógica, busca-se uma produção industrial dos bens culturais, que condiciona uma cultura de massa feita a partir de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural. Segundo MATTELART (1999, p. 78):

> A indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria. A transformação do ato cultural em valor suprime sua função crítica e nele se dissolve os traços de uma experiência autêntica. A produção industrial sela a degradação do papel filosófico-existencial da cultura.

Nas relações complexas da sociedade contemporânea, marcadas principalmente pela consolidação da globalização e pela revolução da informática, os meios de comunicação de massa assim como as novas tecnologias de mídia, exercem uma crescente influência no desenvolvimento cultural, social e econômico das sociedades.

Para GUARESCHI (2001, p. 21)

> Os meios de comunicação de massa introduzidos em sociedade a partir da modernidade, em que a defasagem entre intelectuais sofisticados e os setores menos educados, e freqüentemente analfabetos, era muito maior do que na Europa, tornaram-se os instrumentos do que foi eufemisticamente chamado de modernização. O uso instrumental dos meios de comunicação para implantar valores imperialistas não pode ser posto de lado. Seguindo os ensinamentos e os passos da prática comercial e o livre fluxo de informações, através dos meios de comunicação, poderia e deveria ser um fator de encorajamento de atitudes produtivas, padrões sociais e novos costumes.

O alcance e a amplitude da indústria cultural, principalmente por meio das novas tecnologias de mídia e informação é muito amplo. As transmissões via satélite, os programas informativos e de entretenimento atingem sociedades inteiras, a inversão de notícias, e a substituição de acontecimentos locais por internacionais, assumem um direcionamento ideológico, presente em todo processo de escolha, edição e apresentação, estão presentes os interesses dominantes. Tal conjuntura mostra uma dimensão qualitativa nova e marcante onde a indústria cultural se tornou um grande núcleo agenciador e articulador dos jogos de poder, que assumiu em sua quase totalidade o discurso e os valores dos grandes centros de poder. No entendimento de Ianni (2000) isso ocorre por que a própria mídia se constitui em grandes corporações nacionais e transnacionais que possuem interesses bem definidos e afinados com os demais centros de poder mundiais. Vislumbra-se uma oligarquia mundial articulada.

A situação apresentada, evidencia claramente que os grandes centros de poder mundiais aplicam um *behaviorismo social e tecnológico* como um conjunto de ferramentas de controle social capaz de substituir a escola e a religião, como aparato de formação ideológica, agindo de maneira eficiente como um conjunto de estímulos reforçadores capazes de garantir a manutenção da dependência e da subserviência aos valores dominantes. (IANNI, 2000)

Como forma de impedir que as contradições, incongruências, contrastes sociais, possam chamar a atenção e despertar questionamentos por parte de setores subalternos da sociedade, o discurso da indústria cultural muitas vezes assume o tom revolucionário, apresentando as novas tecnologias como um processo de modernização no qual todos podem participar e se beneficiar, o que soa no mínimo falacioso e ideológico.

Conforme GUARESCHI (2001, p. 22)

> Este novo fetiche nos presenteia com um pseudo-agente, promovido à função de agente dos novos processos sociais e novos fenômenos, mas que esconde, de uma maneira extremamente ágil e sutil, tanto a identidade de seus manipuladores, como a funcionalidade das idéias e imagens que esses manipuladores espalham e propagam em favor do sistema social que eles patrocinam.

Situando as relações sociais no modelo capitalista neoliberal, as atividades produtivas assim como as mercadorias produzidas se tornam bens de consumo, onde o mercado cria sua própria linguagem e estratégias para vincular seus produtos ao público. A própria linguagem torna-se um produto e como atividade de comunicação não escapa à lógica das relações de dominação. A fim de evitar que os setores subalternos da sociedade percebam a verdadeira identidade desta comunicação, que é fabricada, editada e controlada por determinados grupos de poder, a comunicação assim como seus processos e agentes, passam por filtros ideológicos. Todo o processo comunicacional veiculado pela indústria cultura é fetichizado. Os seres humanos tornam-se coisas (força produtiva) e as coisas passam a adquirir contornos de seres vivos, onde o dinheiro *trabalha*, o capital *produz* e, conseqüentemente, as novas tecnologias *agem.* (IANNI, 2000)

No entanto, a legitimação deste processo necessita de inúmeros outros fetiches. Conforme assevera GUARESCHI:

> O aparecimento desses fetiches está intimamente ligado ao desenvolvimento das forças produtivas . Marx fala do fetichismo dos objetos de consumo e do fetichismo do dinheiro, e os descreve como inerentes ao modo capitalista de produção. Construir um fetiche, significa cristalizá-los em sua essência e colocá-los como objetos intocáveis, isso é abstraí-los das condições reais de sua produção, numa palavra, desistoricizá-los. Assim, os economistas fetichizam quando estabelecem suas teorias a respeito da determinação do valor, partindo da natureza das coisas e dos objetos produzidos em si mesmos. (2001, p. 18)

No conjunto dos fetiches que compõe as relações sociais as novas tecnologias de mídia apresentam-se como entidades autônomas, possuidoras de sua própria identidade, completamente neutras e imparciais, acima dos fatos e acontecimentos que noticiam. Na base deste contexto está presente a *razão instrumental* da qual fala Adorno e Horkheimer. No limite, as novas tecnologias de mídia, convertem-se em organismo vivo, dotado de força e consciência capaz de influenciar fortemente a sociedade como um todo.

Na perspectiva de MATTELART (1999), tal distanciamento e autonomia, permitem às classes de poder, mascarar seu papel de detentores monopolistas desse aparato ideológico, e, por conseguinte acaba assumindo em certos momentos a condição de críticos, tendo como alvo, programas vulgares e noticias de cunho imoral, filmes

demasiadamente violentos. Agindo assim a indústria cultural esconde-se por traz de seu próprio falso moralismo.

No contexto de uma sociedade tecnológica, a indústria cultural vem assumindo um papel cada vez mais ativo na sociedade sendo capaz, de em diversos momentos,[3] mobilizar a opinião pública e influenciar de modo parcial no modo como as pessoas avaliam a realidade.

A ação das novas tecnologias de mídia e informação exercem um papel mistificador, por um processo de abstração, apresentando fatos e acontecimentos, isolados de seu contexto sócio-histórico. Agindo assim, fetichizam a realidade. Nisto está presente o caráter ideológico de sua atuação, conclui GARCIA (1986).

Na mesma linha se posiciona GUARESCHI, (2001, p. 19)

> Dizer isto, significa afirmar que a ideologia impregna os hábitos, desejos, reflexos das pessoas; atravessa a vida sem, talvez, nunca se dar conta dos verdadeiros fundamentos dessas representações. É uma situação de existência que as pessoas vivem, como se fosse uma natureza social, e que afeta a todas as relações sociais.

Considerando que no contexto das sociedades capitalistas, as classes dirigentes precisam constantemente, legitimar sua dominação e seus privilégios perante toda sociedade. Nesse sentido a indústria cultural tem como estratégia principal veicular sua ideologia de diferentes formas, sendo a mais comum e universalizada, uma vasta produção cinematográfica e televisiva. Campanhas de marketing e programas de entretenimento veiculam mensagens subliminares que reforçam valores conservadores, o consumo e o individualismo. No limite, o que se tem é duplicação da realidade e a reificação da ordem estabelecida, em que pese, o fato de as empresas de marketing e propaganda esquadrinham a subjetividade humana, fazendo uso das mensagens subliminares para manipularem as pessoas em nível inconsciente, criando nelas certas predisposições, para comprarem esta ou aquela marca ou aceitarem certas idéias e valores, adotarem certos comportamentos (WILSON, 1993).

Para GUARESCHI é preciso compreender que no contexto de embate de forças presente nos jogos de poder, que envolvem as relações sociais deve-se ter presente que a

> ideologia cumpre uma função prática: ela confere certa coerência e relativa unidade, ela cimenta e unifica o edifício social [...] ela permite a inserção de indivíduos de uma forma natural nas atividades práticas que eles desempenham no interior do sistema e, desta

> maneira, os capacita a participar na reprodução do aparato de dominação sem que se dêm conta de que eles próprios são cúmplices e atores de sua própria exploração. Para o indivíduo inserido no sistema capitalista, a ideologia é uma experiência vivencial e válida, uma experiência que alguém vive sem conhecer as verdadeiras formas motoras que a ideologia coloca em movimentação [...] o modus operandi do processo ideológico, consiste em fazer com que essas forças motoras sejam esquecidas; ou, em outras palavras, em fazer com que as verdadeiras origens da ordem social existente desapareçam de vista, de tal modo que as pessoas sejam capazes de viver nesta ordem natural. A ideologia encobre e disfarça os sinais que poderiam fazer alguém desconfiar de que todas as instituições são instrumentos da coerção. Ela tenta aliviar a sociedade burguesa dessa contradição, que, se for mediada, corre o risco de revelar a incoerência dessa mesma sociedade, destruindo sua unidade [...] sem a ajuda dos meios de comunicação, esse jogo não poderia ser feito. Em uma sociedade capitalista, os meios de comunicação de massa tornaram-se os instrumentos de mistificação e de legitimação da dominação capitalista." GUARESCHI (2001, p. 20-21),

4 - Produção de subjetividade docente

A cultura convertida em fetiche por meio da indústria cultural tem obliterado a possibilidade de uma experiência formativa autêntica. A cultura deixa de ser fruto de uma experiência subjetiva do sujeito em relação à natureza - mundo material - para se transformar em mimese representativa, expressão de um sujeito alienado, reificado pelo consumo como expressão única do valor de troca.

Nesse processo a própria noção de indivíduo se dilui pois a pressão social leva o sujeito a assemelhar-se reproduzindo a vida social standardizada. Na busca de um ideal de autopreservação social tem-se uma formação regressiva que anula a possibilidade do indivíduo tornar-se ser autônomo e independente.

A rigor, o que está posto é a rejeição da idéia de cultura como elemento abstrato, cultura do espírito esfera independente da vida material, pois " *não é a consciência dos homens que determina o seu ser social; é o ser social que, inversamente, determina sua consciência*"[4]. A cultura como elemento superestrutural da sociedade encontra-se subordinadas pelas mesmas leis históricas determinadas pelo modo de produção capitalista.

A hegemonia alcançada pela indústria cultural promove sistematicamente a semicultura, restringindo a educação à adaptação dos sujeitos para a vida em sociedade. Uma socialização que visa somente à adequação do individuo ao seu meio se reveste de um teor conservador e reacionário, o que se contrapõe ao ideal de uma *educação emancipadora*, no sentido em que Adorno se utiliza deste termo.

> [...] seria preciso, a partir do movimento social e até mesmo do conceito de formação cultural, pesquisar como se sedimenta – e não apenas na Alemanha – uma espécie de espírito

> objetivo negativo. A formação cultural agora se converte em semiformação socializada, na presença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. ...Apesar de toda ilustração e de toda informação que se difunde (e até mesmo com sua ajuda) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual, o que exige uma teoria que seja abrangente. (1996, p. 388).

O que se depreende do pensamento do autor é que, em se tratando da experiência docente, sua relação ocorre mediada por uma *mimesis* representativa. O que equivale a dizer que o indivíduo simi-culto experimenta a cultura reproduzindo seu conteúdo, em que pese que tal comportamento é a própria negação do sentido formativo da cultura. A reprodutibilidade e a imitação impossibilitam o caminho rumo ao esclarecimento. A crítica de Kant permanece atual:

> Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade auto-imposta. Menoridade é a inabilidade de usar seu próprio entendimento sem qualquer guia. Esta menoridade é auto-imposta se sua causa assenta-se não na falta de entendimento, mas na indecisão e falta de coragem de usar seu próprio pensamento sem qualquer guia. Sapere aude! (Ouse conhecer!). “Ter a coragem de usar o seu próprio entendimento” é, portanto, o mote do Esclarecimento. Preguiça e covardia são as razões de a maior parte da humanidade, de bom grado, viver como menor durante toda a sua vida, mesmo depois de a natureza a muito tempo ter livrado-a de guias externos. Preguiça e covardia demonstram porque é tão fácil para alguns se manterem como tutores.
> É muito confortável ser um menor. Se eu tenho um livro que pensa por mim, um pastor que age como se fosse minha consciência, um físico que prescreve a minha dieta e assim sucessivamente, não tenho então necessidade de empenhar-me por conta própria. Se eu posso pagar, não tenho necessidade de pensar.. (KANT 1985, p. 36).

Como conseqüência dessa situação, estabelece-se um hiato entre sujeito e objeto, aparentemente insuperável. Predominam as massas semi-formadas, de tal modo que o sujeito semi-formado, produz e reproduz uma semi-cultura, vive uma semi-vida. Embrutecido e desumanizado, submetido aos ditames da indústria cultural faz da barbárie seu expediente cotidiano.

No âmbito da formação docente é bem visível indícios de uma subjetividade danificada, modelada pelo consumo de informações contidas em revistas dirigidas a este público[5]. Ao que se indaga, porque ler um autor clássico, se é possível ler um resumo de suas idéias? Não é mais cômodo incorporar um roteiro de aula já pronto, do que elaborar um próprio e original? Por que pensar por si mesmo e se esforçar em produzir uma síntese pessoal dos conhecimentos e teorias, se posso contar com inúmeros comentadores e formadores de opinião?

O relato a seguir assume características emblemáticas:

> Para mim é uma mão na roda (...) muitas vezes não da tempo de preparar as aulas (..) daí facilita bastante ter a mão um texto, um roterinho já pronto. Ajuda muito. E, depois como é uma revista da área (história) a gente pode usar tranquila, são sempre pessoas especialistas que escrevem. Tem muita coisa boa (...) é só seguir o que ta lá e pronto tua aula ta pronta. É só fazer umas perguntas sobre o tema, e quando a gente ave o tempo passo e aula acabou. Muitos desses trabalhinhos acabam ajudando na avaliação. Para mim é uma coisa muito boa e os alunos também gostam. O texto é fácil de entender e com isso facilita a minha explicação. Tem vezes que eu só peço para ler e responder. Pronto aula dada. (Professora entrevistada)

Professores de diferentes áreas fazem uso destas revistas como fonte de pesquisa e recurso didático para suas aulas. É frequente o elogio aos roteiros de aulas que as revistas traziam, resenhas de livros e artigos temáticos. O mais curioso era o modo de apropriação destes conteúdos por parte de muitos docentes, que via de regra incorporavam estes conteúdos a suas práticas de modo mecânico e passivo. Conforme se lê no relato:

> Eu dou aula filosofia já ha dois anos, não sou formada, mas tive uma boa carga no curso que eu fiz (pedagogia). No começo eu tentava falar um pouco dos clássicos, mas a coisa ficava pesada e a aula chata, os alunos detestavam (...) muita dispersão...Eu mesma não conseguia aprofundar muita coisa. Então sabe do que, uma colega olha tem essa revista aqui, (revista mundo jovem) todo mês tem umas coisas bem legais. Textos de vários temas. Agora eu faço mais isso, pego um tema que meninada gosta ou se interessa, a gente lê e discute. Nossa tem vezes que sala pega fogo (risos), e eles gostam. A gente já discutiu sobre a questão das drogas, do aborto, sexo etc...Então é bem produtivo. No terceiro ano eu costumo passar umas questões de vestibular, indicar alguns textos e resenhas e eles que se virem no vestibular, eu já to fazendo a minha parte. Quem quiser que corra atrás, não é mesmo? (Professora entrevistada)

Ao analisar o teor de diversas matérias, como artigos e resenhas, fica muito evidente o uso de uma linguagem simplista e superficial. O caráter comercial e universalizante dos conteúdos da revista assim o exigem. Todos os professores precisam ser capazes de ler entender para que desta forma possam fazer uso da revista em sala de aula. Assim, autores clássicos que exigem maior esforço e aprofundamento para se obtenha uma compreensão adequada de suas idéias são apresentados de modo coloquial, em tom quase jocoso. Este reducionismo literário é conceitual é um dos principais elementos da semicultura. Assim, aquilo que é "*entendido e experimentado medianamente - semi-entendido e semi-experimentado - não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal (...) Elementos formativos inassimilados fortalecem a reificação da consciência que deveria justamente ser extirpada pela formação.*
(ADORNO, 1996, p. 379)

É inegável que os conteúdos veiculados por essas revistas acabam por influenciar o trabalho dos professores, com reflexos importantes na prática escolar . No limite, os conteúdos destas revistas se tornam referências pelo modo e teor com que são direcionadas. Os diferentes editoriais reivindicam sua legitimidade, artigos e matérias reunidos numa lógica de relevância, pautam diferentes discussões sobre o papel da escola e dos professores. Direcionam olhares, análises e pontos de vistas. Numa palavra, operam uma produção de subjetividade docente. Obviamente que tal produção não é absoluta e não acontece de maneira monolítica. Mormente a existência de divergência e discordâncias entre diferentes editorais. No entanto, permanece o mesmo objetivo: vender! No contexto de um sujeito docente semi-formado tal constatação torna-se problemática pois:

> (...) quando o espírito não realiza o socialmente justo, a não ser que se dissolva em uma identidade indiferenciada com a sociedade, estamos sob o domínio do anacronismo: agarrar-se com firmeza à formação cultural, depois que a sociedade já a privou de base. Contudo, a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu.
> (ADORNO, 1996, p. 390)

Tais revistas trazem referências de ordem objetiva: editoriais que referendam certas teorias e criticam outras; reportagens positivas sobre novas idéias e práticas, roteiros de aulas; matérias elogiando instituições e sistemas de educação, ou ignorando e levantando dúvidas sobre outras. O reforço de certas idéias e teorias pedagógicas; por meio de textos, matérias e entrevistas. A indicação de filmes e livros de autores considerados de vanguarda por um lado, e o desconhecimento que ignora outros, por outro. Todos estes fatores não podem ser ignorados, sob o risco de se manter uma atitude ingênua diante do impacto estes conteúdos vem provocando no trabalho docente. Algo que pode ser observado a partir do relato:

> Eu acho que o professor tem que ser criativo, usar tudo que for interessante para suas aulas. Eu gosto muito de trabalhar com filmes (...) o problema é como eu so tenho duas (2) aulas por semana as vezes tenho que ficar duas semanas até terminar o filme. Tem o lado bom (...) dependendo do filme você já avança bastante nos temas da programação. Por exemplo eu já passei aquele filme sobre a vida de Giordano Bruno e consegui trabalhar toda a filosofia na Idade Média. Não tem como ser diferente, eles não lêem eu não tenho tempo de ficar fazendo texto, lendo e relendo. Depois do filme a gente faz um debate, ou eles respondem umas questões e pronto, conteúdo dado. Acho que trabalhar com filme ajuda muito e na filosofia tem muita coisa que a gente pode aproveitar. Tem muita coisa já pronta, resenhas bem boas e até roteiros...(Professora entrevistada)

Outro aspecto que precisa ser destacado, diz respeito aos conteúdos de ordem subjetiva, destacam-se: a exploração de signos e significados do trabalho do professor, sua identidade, sonhos, realização, modelos de sucesso e de destaque na área, depoimentos e premiações são articulados num todo, que acaba por instituir no universo simbólico do professor um certo ajustamento de conduta sobre o que é ou não, ser um bom professor, ou ainda o que é ou não uma boa aula, uma boa avaliação uma boa escola.

Não se pode negar que estes e outros aspectos constituem elementos fundamentais para se pensar a educação. Contudo, quando estas questões são pautadas por revistas comerciais, sem se levar em conta as diferentes realidades e singularidades locais e regionais, os contextos sociais, políticos e econômicas em que estas realidades estão inseridas, tem-se como predominante uma relação heterônoma, envolvendo a educação e os diversos sujeitos que dela fazem parte.

Criam-se modelos de referência e orientação. Os conteúdos da revista muitas vezes elegem um ideal, adequado, positivo, necessário e relevante sobre a prática docente. A indústria cultural que se propaga também pela revista, aponta para uma formação de caráter heterônomo o que obstaculiza a autonomia docente e acaba por promover o seu contrário, o indivíduo semiculto, pois, "*os sistemas delirantes coletivos da semiformação cultural conciliam o incompatível; pronunciam a alienação e a sancionam como se fosse um obscuro mistério e compõem um substitutivo da experiência, falso e aparentemente próximo, em lugar da experiência destruída*." ADORNO (1996 p. 382)

O uso de textos e imagens, que ensejam interpretações denotativas; a produção de contextos e idéias. Modelos de educação, com sugestões e roteiros de aulas que só pelo fato de estarem na revista, supõe-se que sejam bons e adequados. A presença de conteúdos simbólicos sobre o ser professor. Uma visão do mundo e da cultura docente que em última análise engendram um processo de identificação positiva com estes modelos e práticas, pois "*os ideais são um conglomerado de noções ideológicas que se interpõem entre os sujeitos e a realidade, e a filtram. Estão de tal modo carregadas afetivamente, que a ratio não pode desalojá-las aleatoriamente. E a semicultura as une*" ADORNO (1996, p. 387)

> Não da para esperar que um professor substituto, ou como a gente diz um professor super simples, professor sofredor (referencia aos professores PSS, que tem contrato de trabalho temporário e não possuem os mesmos direitos que os professores efetivos) de conta de salas com quarenta (40) alunos, eu que já dei aula para salas quarenta oito alunos, até no corredor (...) com tudo isso e ainda fique ai fazendo planejamento, preparando roterinho de aula. A gente usa o que tem não às vezes tem que evitar que uns delinquentes se matem. Por isso eu uso essas revistas, faço

> colagens, cartazes, dinâmicas, tem manter eles ocupados, não dá pra dar espaço, eu faço isso ocupo eles o tempo todo até o final da aula, se não é o caos (...) (Professor entrevistado)

Diante da realidade anunciada na fala do professor, parece-nos que a critica adorniana permanece muito atual. A produção mediática direcionada ao publico docente tem assumido em sua própria defesa a necessidade crescente de suprir o vácuo na formação dos professores e facilitar o seu trabalho. Sob tal justificativa se advoga a favor da semiformação institucionalizada e sancionada pelo mercado. O fazer pedagógico assume então feições de um pragmatismo superficial comprometido com a realidade como está. Onde estão o aspecto crítico e político que deveriam estar presentes no trabalho docente?

O que está em curso é um processo de subjetivação do sujeito.

> Subjetivação ou produção de subjetividade (...) adentra no âmbito da modelização, estando aí inseridos os comportamentos, sentimentos, emoções, percepções, memória, relações sociais, dentre outros. Propõem a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. (...) dissociação entre individualidade e subjetividade, já que os indivíduos decorreriam de uma produção feita em série, registrada, de massa, enquanto que a subjetividade, por sua vez, decorreria de uma construção e modelação que se dá no registro do social. Nestas modelação e produção, está compreendido tudo o que se dá no campo do social, as relações e vivências na família, na escola, no ambiente privado e doméstico. Enfim, a produção da subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção. (GUATTARI F, ROLNIK S. 1993, p. 46-47)

Embora o foco do presente estudo estivesse orientado ao nível médio da educação, não podemos deixar de nos indagar sobre as implicações da semiformação em relação os professores que atuam na educação infantil e que trabalham com alunos em formação. Nesse sentido, tal cenário torna-se ainda mais problemático e preocupante. É inegável que os professores desta etapa irão representar os primeiros mediadores institucionais da cultura e da sociedade. É neste período que as crianças entram em contato com diferentes linguagens. A vivência escolar nessa etapa, em muito contribui para a formação de uma rede conceitual primária, com referências éticas, estéticas, políticas, sociais e científicas. Aqui se encontram elementos importantíssimos que irão compor a formação da estrutura de pensamento da criança. Tais professores serão os primeiros a ajudar os alunos a desenvolverem suas hipóteses sobre o mundo em que vivem. Desta interação resulta as bases para uma semiótica institucionalizada composta

de valores, prejuízos e significações que estarão presentes na prática escolar. O que torna os efeitos deletérios da indústria cultural e a semiformação que dela decorre, ainda mais perniciosos.

5 - Considerações finais

Ora, do exposto até aqui e no que tange a relação entre cultura e educação é preciso salientar o caráter político e ideológico da mesma. Nesse sentido a educação surge como elemento mediador entre indivíduo e sociedade mediação que se dá em meio às tensões dialéticas e contraditórias que se expressam de modo patente na realidade escolar. Por meio da educação os indivíduos se igualam e se diferenciam ao mesmo tempo. Pela educação o indivíduo forma a sua identidade social e também se afirma em sua singularidade. Nesse processo se revela a dimensão de adaptação e emancipação que caracteriza a práxis escolar.

Na perspectiva de Adorno, predominou uma conduta semiculta, pois os conteúdos usados das revistas, como roteiros de aulas, resenhas, textos e reportagens eram vistos como solução para não realização de um planejamento pessoal e autônomo das aulas. Somente um (01) dos professores tinha o cuidado de adaptar os conteúdos da revista à sua realidade, comportando de sua parte, elaboração e certa crítica. Os demais, em vários momentos, viam nos conteúdos da revista, a solução permanente para o seu despreparo[6] e falta planejamento. O uso desses materiais passou o centro do trabalho, pautando o encaminhamento das aulas e não servindo somente como material de apoio. Alguns problemas ocorridos durante as aulas, como dificuldades dos alunos em relação ao texto ou roteiro adotado eram atribuídos aos alunos por serem indisciplinados ou possuírem limites na leitura e compreensão, e nunca atribuídos a falta de adaptação desses conteúdos ao perfil da turma. Outra questão observada com freqüência, era a desconexão entre o texto ou roteiro usado da revista e os conteúdos que via de regra deveriam ser trabalhados naquele bimestre.

No contexto de uma sociedade tecnológica predomina a exigência funcional dos sistemas sociais, restringindo a prática docente ao momento da adaptação por meio de um ensino que tem visado a socialização e a integração social. Adorno chama atenção para este fato, argumentando que desse modo tem-se perpetuado a semiformação e, dadas as condições objetivas da escola e da sociedade, tem-se potencializado a barbárie.

Tudo isso ocorre em meio aos processos de ensino e desenvolvimento; alfabetização e socialização. Nesse aspecto tem razão Adorno, quando afirma que a escola quase sempre fica restrita à adaptação e integração dos indivíduos.

> A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em conseqüência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência a para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 1995, p.146)

Considerando o âmbito da educação, da formação e do trabalho docente, e tendo como referencia empírica, as observações realizadas, surgem alguns questionamentos importantes que nos fazem refletir: Não estaria a subjetividade do professor sendo produzida em meio ao ideário da semiformação? A incorporação de práticas e discursos advindos destas revistas não estaria a indicar sinais de uma subjetividade danificada, sendo razoável supor que uma tal subjetividade docente, produzida nos moldes da indústria cultural se desdobra num jeito de ser professor, influenciando a imagem que este tem de si mesmo e de sua profissão?

Estes questionamentos indicam que os conteúdos veiculados pelas revistas acabam por estabelecer diferenças, com base nos diversos modelos que apresentam concernentes à prática educativa; estabelecem parâmetros sobre o trabalho e a formação docente, fornecem modelos teóricos e reafirmam paradigmas educacionais, afinados com as tendências em voga. O que demonstra a presença de uma intencionalidade, um direcionamento à pratica docente, indicam a produção de subjetividade docente em conformidade com uma formação administrada.

Assim, cumpre salientar da urgente necessidade de se realizar uma pesquisa de maior abrangência e profundidade afim de que seja possível mensurar em termos quantitativos e qualitativos os desdobramentos da indústria cultural no trabalho docente.

6 - Referências

ADORNO, W. T., e HORKHEIMER, M., (1985) Dialética do Esclarecimento, Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro : Jorge Zahar.

_____, (1992) Mínima moralia, Trad. Luiz Eduardo Bicca, São Paulo: Ática

_____, (1995) Educação e emancipação. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____, (1996) Teoria da semicultura. In: Educação & Sociedade. ano XVII, n. 56, dezembro

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. (1956) Temas básicos de sociologia, (Trad. Álvaro Cabral), São Paulo: Cultrix, 2 ed.

BAUDRILHARD, Jean. (1991) Simulacros e Simulações. Lisboa, Relógico D'Água.

GARCIA, J. N., (1986) O que é propaganda ideológica, São Paulo: Brasiliense, 6ªed.

GUARESCHI, P. (2001) Sociologia crítica: alternativas de mudança, 50 ed. Porto Alegre: PUC/RS.

IANNI, O. (2000) Enigmas da modernidade mundo, ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

KANT, I. (1985) Textos seletos. 2 ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes.

MARX, Karl., (1974) Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos, São Paulo: Abril Cultural.

_____, (2001) Para uma crítica da economia polítca – Disponível em : www.marxists.org/portugues/plekhanov/1901/mes/concepcao.htm - Acesso em 15 de maio de 2011

MARCUSE, H. (1982) A ideologia da sociedade indústrial. O homem unidimensional. Trad. de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar.

MATTELART, A. (1999) História das teorias da comunicação, Trad. Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: Loyola.

MORAES, D. (1997) (org.) Globalização, mídia e cultura contemporânea, Campo Grande : Letra Livre.

WILSON, K.B., (1993) A era da manipulação, Trad. Iara Biderman, São Paulo: Escritta Editora.

Notas

[1] A nocão de individuo utilizada refere-se a compreensao dada por T. ADORNO“ só é individuo aquele que se diferencia a si mesmo dos interesses e pontos de vista dos outros, faz substancia de si mesmo, estabelece como norma a auto-preservação e o desenvolvimento próprio”. (ADORNO, T. HORKHEIMER, M. Temas básicos de sociologia, (Trad. Álvaro Cabral), São Paulo: Cultrix, 1956. 2 ed. p. 52)

[2] "A verdade e a mentira são construções que decorrem da vida no rebanho e da linguagem que lhe corresponde. O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. (...) Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho". Este fragmento de Nietzsche corrobora nosso argumento no sentido de que o sujeito médio, semiformado, submetido aos ditames da indústria cultural permanece tutelado, distante de uma conduta livre e independente. (Disponível em: http://pensador.uol.com.br/frase/NTQ4ODI0/ - acesso dia 20 de maio de 2011)

[3] Um rápido retrospecto dos últimos acontecimentos em nivel mundial como a ocupação do Iraque, os recentes conflitos na Libia e ainda a morte de Osama Bim Ladem, poderá nos mostrar o posicionamento dos grandes centros de mídia, alinhados com os discursos legitimadores vindos dos EUA e da Europa. Uma obervação mais atenta mostrará também o viés tendencioso das notícias da grande mídia nacional em relação ao Presidente Hugo Chaves da Venezuela, ou de Fidel Castro em Cuba e ainda das ações do MST no Brasil. Estes três exemplos, apontam para uma campanha difamatória. Ao se omitir qualquer noticia de caráter mais positivo sobre os exemplos citados, fica eviedente a intenção de mobilizar a o opiniao publica.

[4] *Disponível em : w*ww.marxists.org/portugues/plekhanov/1901/mes/concepcao.htm - Acesso em 15 de maio de 2011

[5] Em ambito nacional podemos indicar a Editora Escala que é responsavel por uma fatia consideravel do mercado de revistas educacionais. Suas publicações circulam em ambito nacional com milhares de assiantes e compras avulsas nas bancas. Conta com diversas publicações segmentadas nas diversas areas do conhecimento: Lingua Portuguesa, Geografia, Matemática, Sociologia, História, Ciencia, Psicologia, Literatura, Artes e diversas outras.

[6] Dos cinco professores pesquisados, três (3) era professores do PSS (Processo Simplificado de Substituição) com formação inacabada atuando em áreas diferentes de sua formação. Em termos de analisar as implicações do trabalho precário na qualidade do ensino, teríamos um campo profícuo de pesquisa, haja visto que em torno de trinta por cento (30%) dos professores da rede estadual são PSS. Dados da APP sindicato período de 2010.